



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil  
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013  
ISSN 1982-3657



## **PROFESSORA SINÔMINO DE MODELO: A TRAJETÓRIA DE TRÊS PROFESSORAS DO GRUPO ESCOLAR CÍCERO BEZERRA, NA CIDADE DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA: 1960 A 1980**

Cacia Valeria de Rezende[1]

### **18. Formação de Professores. Memória e Narrativas**

#### Resumo:

O artigo tem como objeto a trajetória das professoras do Grupo Escolar Cícero Bezerra, na cidade de Nossa Senhora da Glória entre os anos de 1960 a 1980. No intuito de compreender a vida dessas três professoras. Foi utilizada a pesquisa bibliográfica, documental e a metodologia da História Oral para analisar os critérios morais, usos e costumes para uma jovem ser aceita no meio da sociedade do sertão sergipano, na condição de professora, já que na época a docente deveria ser um referencial para os alunos. Foram elaborados roteiros de entrevistas com professoras e os ex-alunos para conhecer a cultura e as tradições vigentes, no objetivo de entender a mentalidade dos glorienses, naquela época. A pesquisa surgiu a partir do meu trabalho de mestrado que retrata a trajetória e as práticas educativas no alto sertão sergipano.

Palavras chave: Professoras; sertão; trajetória.

#### **PROFESOR SINÔMINO MODELO: UN CAMINO DE TRES MAESTROS GRUPO ESCOLAR BEZERRA CÍCERO, EN LA CIUDAD DE NUESTRA SEÑORA DE LA GLORIA: 1960 -1980**

Cacia Valeria de Rezende

#### Resumen:

El artículo trata sobre la trayectoria de los profesores para la Escuela de Cícero Bezerra, en la ciudad de Nuestra Señora de la Gloria entre los años 1960-1980. Con el fin de entender la vida de estos tres maestros. Se utilizó la metodología de la historia la literatura, documentales y orales para analizar los criterios morales, que son comunes para un joven ser aceptado en la sociedad del Sergipe interior, siempre y maestro, ya que al momento el profesor debe ser un punto de referencia para estudiantes. Scripts se desarrollaron a partir de entrevistas con profesores y antiguos alumnos a conocer la cultura y las tradiciones vigentes con el fin de comprender la mentalidad de glorienses en ese momento. La investigación surgió de mi tesis de maestría que muestra la trayectoria y las prácticas educativas en el interior de Sergipe.

Palabras clave: Enseñanza; interior; trayectoria.

## INTRODUÇÃO

A história da educação feminina no Brasil é marcada por preconceito, proveniente da sociedade patriarcal. No período colonial, poucas jovens “brasileiras” sabiam ler. A leitura e escrita não era conveniente as mulheres, mas era uma cultura estimulada ao sexo masculino. Segundo Ribeiro (2003) a primeira mulher a aprender a ler e escrever no Brasil foi Catarina Paraguassu:

Apesar da negação da metrópole, algumas indígenas conseguiam burlar as regras. Catarina Paraguassu, também conhecida como Madalena Caramuru, parece ter sido a primeira mulher brasileira que sabia ler e escrever. Alguns autores afirmam que essa brasileira era filho de Diogo Álvares Correia, o Caramuru, com a índia Moema ou Paraguassu. Outros afirmam que seria a própria esposa, também chamada de Catarina Paraguassu. (RIBEIRO, 2003. p.18).

Pelo fato de associar o conhecimento letrado a figura masculina, algumas mulheres fazendo uso do conhecimento da escrita foram alvo de discriminação pelas autoridades regentes. Ribeiro (2003) cita o caso de Margarida de Mendonça, ela foi abusada pelo noivo e escreveu a carta ao Rei de Portugal, solicitando uma providência, porém, ela nunca recebeu o retorno.

Foram nos conventos que as jovens passaram a receber o ensino sistematizado. No entanto, essas instituições eram poucas. Outras estudaram em escolas particulares.

Os conventos surgiram no Brasil apenas na segunda metade do século XVII e, normalmente, o ensino da leitura e da escrita era ministrado ao lodo da música, do cantochão, do órgão e dos trabalhos domésticos, principalmente o preparo de doces e de flores artificiais. Não havendo um sistema formal de educação para as mulheres, foi nos conventos que passaram a ser educadas. (RIBEIRO, 2003, 87p.)

Vale lembrar que alguns conventos no Brasil serviram apenas para enclausurar mulheres que cometeram alguma transgressão e jovens que passaram da idade de casar-se. Pelo fato de não terem escolhido o sacerdócio, tornavam-se esses espaços em ambientes duvidosos. Como afirma Ribeiro (2003), muitas dessas jovens usavam roupas de baixo acetinadas, camisolas inapropriadas para o ambiente de desapego com as obras da carne.

O primeiro convento fundado no Brasil foi em 1678, denominado Santa Clara do Desterro, na Bahia. Foi considerado o mais luxuoso e o mais mundano pelos excessos ali cometidos, pois algumas freiras “vestem por baixo de seus hábitos camisas bordadas (...) calção e meias de seda ligando-as comumente com fivelas de ouro cravadas de diamantes. (RIBEIRO, 2003, 87-88p.)

No Brasil Império algumas mulheres aprendiam ler para saber cantar as rezas e fazer as receitas. Mas a maioria era analfabetas, durante a paquera, os rapazes enviavam pelas alcoviteiras rosas, a cor delas exprimiam o tipo de sentimento do rapaz. A falta da leitura dificultava o diálogo, por isso a igreja foi palco de encontro dos enamorados. Já que, as jovens eram vigiadas pelos familiares e o único ambiente permitido pelos pais ou maridos era a igreja.

Segundo Anamaria G. Bueno de Freitas[2] em 15 de outubro de 1827, uma lei Imperial prescrevia a criação de escolas de primeiras letras para as mulheres:

A legislação (Lei de 15/10/1820) previa, ainda, conteúdos curriculares diferenciados para meninos e meninas e o processo de recrutamento das professoras. Neste último caso, a primeira exigência era provar que as postulantes ao exercício do magistério fossem reconhecidamente honestas para depois prestarem o exame de conhecimentos necessários ao preenchimento do cargo. (FREITAS, 2003. 26p.)

Durante a história brasileira, em que o sistema era, eminentemente, patriarcal, as mulheres foram caladas, pois o perfil da “moça distinta” era o silêncio. A fase da submissão absoluta à figura masculina, por certo, deixou marcas que o tempo não pôde apagar. Ainda hoje percebemos os resquícios do patriarcalismo imbuído na cultura brasileira.

Segundo Souza (1998), a feminização da educação no século XX é notória em todas os estados do Brasil. As mulheres assumiram a educação primária, já que o baixo salário pago ao professor fez o docente (homem) recusar atuar no nível básico de ensino.

A distribuição diferenciada das classes do curso preliminar a professores e professoras denota também

os preconceitos e indefinições acerca da participação do trabalho feminino nos primeiros tempos da República. De acordo com o regulamento da instrução pública do Estado de 1892, a regência das escolas do sexo feminino e das escolas mistas cabia às professoras, enquanto a regência das escolas masculinas era permitida apenas aos professores. Posteriormente, foi facultado às professoras o ensino das primeiras séries da seção masculina e aos professores o ensino das últimas séries nessas seções. No entanto, a feminização do magistério acabou por vencer as barreiras morais. (SOUZA, 1998, p. 64)

No início do século XX, havia poucas profissões que o sexo feminino poderia exercer e entre essas era a docência, apesar das jovens continuarem sendo educada para o “lar”, principalmente nas cidades do interior. Em Nossa Senhora da Glória/SE, cidade do alto sertão sergipano, a maioria das professoras desse município não tinha formação adequada para o exercício da docência. Elas eram aproveitadas na ausência de professores formados. As educadoras sabiam ler, escrever e contar. Essas profissionais atuavam nas escolas isoladas, escola rural e nos grupos escolares.

O Grupo Escolar Cícero Bezerra, na cidade de Nossa Senhora da Glória do estado de Sergipe, foi fundado em 1963 e reuniu as escolas isoladas que funcionavam na cidade. A partir desse momento, as professoras passaram a compartilhar suas experiências com mais frequência, já que estavam mais próximas. E elas começaram a observar que a maioria das profissionais do grupo escolar não havia casado. Então, elas mesmas brincavam entre si, com a situação de solteiras. E quando entrava uma professora nova, elas logo avisavam, “olhe entrou aqui, vai ficar na barriga”. “A maldição das professoras” do Grupo Escolar Cícero Bezerra era conhecida na comunidade. Apenas a professora Luzinete, depois de avançada idade, casou-se, no entanto o casamento só durou alguns meses.

Quando chegava uma professora nova, a gente dizia, minha filha você veio para aqui, foi, pois fique certa que você vai ficar na barriga, você não vai casar, não. No Cícero tinha tanta professora solteira, era uma turma tão grande e ficaram tudo sem casar mesmo, era Cleodice, Dagmar, e Luzinete que casou depois de velha, eu dizia por que vai casar agora, depois de velha (Joana Dalva Amaral, 2007)

Paixões antigas alimentam a vida da maioria dessas professoras, que guardam na memória (com muito carinho) a imagem do amado e dos bons momentos que estiveram juntos. Os anos se passaram e, elas lembram-se como se fosse hoje: o dia do primeiro encontro, abraço, as conversas, a troca de olhares, as festas, ou seja, o desenrolar dos fatos e a partida de seus enamorados.

Elas viveram para os familiares e abdicaram o casamento. As justificativas são as mais diversas, como: não tinha rapazes próximos à residência, não encontraram o homem dos sonhos, perdeu um grande amor e não conseguiram sentir por ninguém o mesmo sentimento ou era coisa do destino. O namoro dos sertanejos, nos anos 60, permitia apenas o olhar e no máximo o toque nas mãos. Sabe-se que essa regra era constantemente afrontada, no entanto alguns casais cumpriam arisca (as regras). As jovens mais recatadas obedeciam aos “mandamentos do namoro”, temendo contrariarem os pais ou dar lugar para os rapazes saírem falando delas

A trajetória das professoras Maria Dagmar Menezes, Maria Genusa Ribeiro e Joana Dalva Amaral é marcada por singularidades. Elas fazem parte da geração de professoras onde a moral era o requisito fundamental para torna-se educadora. Essas jovens deveriam ser exemplo de conduta cristã. Vigiados pelos familiares e comunidade. Qualquer vacilo poderia comprometer a profissão que tanto estimavam. A honra da “moça”, na comunidade gloriense, estava ligada a virgindade. A tradição patriarcal era muito forte nessa região. A figura masculina era o responsável para proteger o sexo feminino, marginalizado pelos costumes da época. A mulher estava sob o domínio total do homem.

Ela também carregava o peso do pecado original e por isso, sobretudo sua sexualidade, devia ser vigiada muito de perto. Repetia-se como algo ideal, nos tempos coloniais, que havia apenas três ocasiões em que casar e para ser enterrada. O exagero é evidente, mas um viajante, Froger, de passagem por Salvador em 1696, achava que ali as mulheres “são de dar pena, pois jamais vêem ninguém e saem apenas aos domingos, ao rair do dia, para ir à igreja. (PRIORE, 2009, p.49)

De acordo com Priore (2009), no Brasil Colônia e Império desde crianças, as meninas começavam a bordar o enxoval, pois o casamento era o objetivo central do universo feminino. Na cidade de Nossa Senhora da Glória, em meados do século, a sociedade masculina tentava impor o mesmo rigor quanto as garotas. Nesse município a educação feminina estava voltada a costura. Elas confeccionavam xales e bordados diversos. Produto artesanal feito pelas mulheres e jovens glorienses. O corte e costura era uma vocação honrada e por isso incentivada pelas mães. O ofício para o sexo feminino estava intimamente ligado a cuidar do marido, filhos e do lar. As primeiras glorienses que ousaram lançar-se no mercado de trabalho sofreram preconceito, já que a cultura vigente mostrava o homem como provedor do lar. A maioria das jovens se prendiam apenas as atividades domésticas, deixando pendente o sonho da independência financeira.

Na sociedade gloriense havia poucas pessoas que sabiam ler e escrever na época, o nível de instrução era mínima, assim os resquícios da sociedade patriarcal era mantido por gerações através da oralidade. A falta de professoras formadas na cidade deu a oportunidade as jovens semi-analfabetas, a atuar nas escolas isoladas. Assim, a docência foi uma das primeiras profissões remuneradas, permitidas pela comunidade gloriense ao sexo feminino. Ser professora se tornou o sonho das estudantes. As “moças” deliravam com a possibilidade de ter seu próprio dinheiro. Embora, a educação formal no sertão sergipano, em meados do século XX, estivesse sendo ministrada pelas mulheres, era um número pequeno de profissionais em detrimento a maioria delas que permaneciam atrelada ao trabalho doméstico.

Segundo Maria Dagmar Menezes, Joana Dalva Amaral e Maria Genusa Ribeiro, ser professora, era símbolo de honra para as “moças” no sertão. Elas iniciaram a carreira docente ainda muito jovens. Solteiras e com muitos sonhos aspiravam um futuro promissor. Apaixonadas pelo ofício de ser professora vestiam-se como beleza e rigor, mostrando-se referencial para seus alunos. Corrigiam-se no falar, escrever e cobravam-se muito quando se refere ao comportamento. Carregar o título de educadora numa geração preconceituosa não era tarefa fácil de administrar, mas abraçar o professorado era o ideal das vidas dessas mulheres.

## **AMORES DE PROFESSORA**

As histórias de amor são vivas na memória das professoras que contam com tristeza e pesar os desencontros da vida sentimental. Dagmar[3] lamenta não ter lutado pelo único homem que conquistou seu coração, pois aceitou a oposição dos pais para com o pretende que ela tinha afeição. As cartas que o rapaz lhe escrevia eram rasgadas pela mãe, que furiosa não aceitava o namoro, já que o pai (de Dagmar) possuía uma frágil saúde e a qualquer momento poderia falecer. Dagmar, na década de 40, foi convidada pelo prefeito para ser professora municipal, ela era motivo de orgulho para a família e o salário de professora, apesar de baixo, mas era uma renda para ajudar nas despesas do lar.

O grande amor de Dagmar relutou quanto à oposição dos pais da jovem e durante um período enviava cartas para dar notícias, ele aguardava uma reviravolta, ou seja, que os pais mudassem de opinião, mas eles permaneceram firmes na palavra, e a “moça” não tinha forças para lutar contra a vontade dos pais. Mesmo apaixonado pela jovem, o rapaz desistiu de construir uma família com ela, pois percebeu que seus esforços eram em vão.

Ela dedicou sua juventude ao magistério, constantemente ia à cidade de Aracaju para fazer cursos de aperfeiçoamento, numa dessas viagens (a capital do Estado) reencontrou o homem que conquistou seu coração, mas para sua tristeza, ao lado estava a esposa. Ela desceu do coletivo em prantos de choro e pediu a Deus que não permitisse que ela amasse um homem, tanto quanto amou a esse rapaz, e ali ela jurou a Deus que nunca mais iria voltar a se apaixonar.

Naquele momento Dagmar fez um voto de castidade em lealdade a seus sentimentos, pois até hoje, julga não ter esquecido aquele homem. Ela ainda guarda o namoro no pensamento e vive um amor solitário. As lembranças reconstróem o contexto do primeiro encontro e olhar, assim, ela dá diferentes fins para sua história amorosa. A paixão arde em sua alma, mesmo que o fogo (da paixão), já não tenha tanta intensidade.

A fronteira da cultura de obediência aos pais privou Dagmar de experimentar a formação de uma família. Ela tornou-se uma educadora reconhecida. A dedicação exclusiva à educação e o amor à missão de educar contribuiu para amenizar o gritante número de analfabetos de Nossa Senhora da Glória. Ela sempre é citada pelos ex-alunos como uma professora comprometida com a arte de ensinar. Atualmente está com 84 anos, reside no centro da cidade, mora sozinha, gosta de ficar sentada em frente de sua casa, para observar o cotidiano da sociedade que ajudou a educar. A poesia é um meio de declamar o amor do passado, que vive em seus pensamentos.

Noite de Solidão

È noite.

Está chovendo, e eu perdida nos meus pensamentos.

De repente, sinto falta de alguém. Começo a chorar.

Mas do que adianta, se minhas lágrimas não falam.

Não reclamam, nem te trazem de volta.

Continuo perdida entre pensamentos e lágrimas.

A noite passando.  
Eu cada vez mais te amando.  
Sem poder te encontrar.  
Mas quem sabe um dia tudo vai mudar  
E a chuva vai passar.  
O sol irá brilhar. (Maria Dagmar Menezes, 2006)

Dalva[4] foi noiva e amava o rapaz, mas ele queria casar e morar em São Paulo. Naquela época os glorienses tinham a visão de São Paulo como o fim do mundo; a mãe de Dalva apavorada com a decisão do rapaz, pediu para a filha romper o noivado, pois afirmava que não suportaria a tristeza de ter uma filha morando em um lugar tão distante. Dalva dividida entre seu grande amor e a mãe, decidiu abdicar o casamento e viveu durante toda a sua vida na companhia dos pais e após irmãos.

Não, eu não quis mais ninguém depois que ele foi embora. Eu era muito apaixonada por ele. Ele era bonito, ele morava no interior, mas os pais tinham casa aqui, ele estudava aqui. Eu não me casei com ele, por causa de mamãe, ela não queria. Eu nunca me arrependi, toda vida foi uma pessoa assim, trabalhava, gostava do meu trabalho, nunca fui de está de festa e festa. Dagmar diz que tem tanto arrependimento porque não casou. Eu não, não sei o que é casamento, não casei, não posso ter arrependimento. Não deu pronto. Eu vir os anos passar e passei com meus pais e amigas e está acabado, minhas amigas casaram tudo e eu fiquei sem casar. (Joana Dalva Amaral, 2007)

A intervenção dos pais na vida sentimental dos filhos em alguns casos foram decisivos, a exemplo Dagmar e Dalva que renunciaram a chance de realizar o sonho do matrimônio por obediência aos pais que naquela época, tinham forte influência sobre a vida dos filhos. O temor de transtorná-los conduzia as “moças” a cumprir com a palavra dos pais. As jovens se conformavam com a história que os pais escolhiam para elas. Isso ainda eram resquícios de uma tradição. Algumas (delas hoje,) lamentam pela falta de audácia, outras temerosas, fazem uso do ditado popular que diz: “mais vale ficar só, do que mal acompanhada”.

Maria Genusa,[5] conhecida na cidade por Tia Lulu, é animada, alegre e conquistou o coração dos glorienses. Ela ensinou muitas gerações, na Escola Estadual Cícero Bezerra. Ele namorou três rapazes, mas segundo ela, não encontrou sua outra metade, assim até hoje ela aguarda o “príncipe encantado”. Ela afirma que o amor não tem idade, data ou hora marcada.

Eu tive três namorados, o primeiro foi o da escola, só não posso dizer o nome é oculto. É uma pessoa que conheci ainda na infância o nome dele era Clodoaldo, ele foi o meu 1º namorado de escola, e eu como era criança namorei escondido, mas depois foi às claras e continuamos a namorar, só que ele foi ser seminarista, ele escolheu ser padre, e eu fiquei, mas nem por isso eu deixei de me realizar como pessoa e ter outros namorados. Ele como foi meu primeiro namorado, ou seja, amor; meu primeiro beijo, então tudo isso fica na lembrança. (Maria Genusa Ribeiro, 2007)

Tia Lulu não descartou a possibilidade de casar-se, mas enquanto aguarda o varão, aproveita o tempo para passear, conversar e divertir-se. O pai, Walmiro Ribeiro Aragão afirmava que ela não tinha vocação para dona de casa, pois ela não suportava a ideia de um dia cozinhar, e segundo ela, sua casa não teria cozinha, além disso, nunca teve horário para voltar para casa, sempre privou por sua liberdade. Ela atualmente é professora aposentada e esbanja alegria, com um intenso brilho no olhar tem a capacidade de contagiar os que a cercam. E curte brincando o título de “moça velha”.

...ainda hoje eu falo em me casar, mas jamais eu trocaria a minha vida por um casamento, porque quando você se casa, o que é quer acontece com você Tem que renunciar, você tem de aceitar qualidades e defeitos do seu parceiro e eu não tô preparado para essas coisas, não; eu tô preparada pra brincar, sair, passear sem dar satisfações a ninguém, não tenho mais paciência nenhuma; outra, filhos eu não quero; não mim casei porque eu falei quando mim casar não queria uma casa que tivesse cozinha, porque não gosto de cozinhar e não sei cozinhar e nem queria ter filhos, porque filhos você se dedica tanto a eles; e eles não dão nada em troca ao seus pais, não é que a gente tem quer exigir, não,

mas as vezes eles nem sabem que você é mãe; eu tive tantos filhos por ser professora, eu já sabia o que era ser mãe, porque você se dedica ao alunos e amanhã eles passam por você e nem conhece, alguns são gratos outros nem conhece, então assim também são os filhos... (Maria Genusa Ribeiro, 2007)

O homem dos seus sonhos de menina não fora encontrado, ela desejava compartilhar a sua vida com alguém que gostasse de festas e de passear na praça, sentar-se nos bancos para apreciar a beleza do jardim e que a presentear com flores, ou seja, um homem cortês, que segundo ela existe em algum lugar.

...mais ainda eu acho que a melhor coisa do mundo é casar e toda mulher quer casar ter sonho de casamento de realizar o seu dia lindo, mas já no meu dia ia ser diferente, por que eu queria mim casar no dia de São João para mim casar no coreto diante de todo mundo vestida de tabaroa e ele também, com o sanfoneiro tocando eu posso um dia realizar o meu sonho de mim casar assim, um dia posso chega lá, agora a vida de quem sabe ser uma coroa vivendo a vida não tem coisa melhor no mundo... (Maria Genusa Ribeiro, 2007)

Segundo Tia Lulu, o sonho de casar-se como se fosse uma “tabaroa” pode ter sido um dos impedimentos para encontrar um partido que quisesse submetesse a tal episódio. Mas ela garante que se ainda casasse, realizará a cerimônia em praça pública trajando um vestido usado pelas noivas dos anos 50, na cidade Nossa Senhora da Glória, e usará a carroça para transportá-la até a Praça do Coreto. Essa linda “coroa” (ela gosta de ser chamada desse termo) fala acerca da diferença do cheiro e do beijo, ela declara que beijou, mas preferiu resguardar no coração o cheiro do amado. Segundo ela, o cheiro perpassa o tempo, ou seja, é inesquecível, logo que você sente o perfume ela marca o olfato e o coração.

...a vida não tem coisa melhor no mundo por que ser coroa é ser alegre decidida, tudo isso faz parte da vida da gente porque às vezes fulano diz eu não queria ficar sozinho, não, mais a gente só vive sozinha e triste se a gente quiser, mas quando a gente é alegre que tem tanta coisa pela frente como eu tenho, olha eu sou aposentada, mas eu queria que meus dia tivesse 60 horas, ainda eu acho pouco pra mim porque eu trabalho na pastoral da criança, eu trabalho com idoso, eu visito pessoas que necessitam de visitas, eu gosto de conversar, eu saio de manhã e não tenho hora de votar; eu não tenho responsabilidade de uma dona de casa, ora não tenho marido, nem filhos, então eu vivo minha vida assim alegre satisfeita, vou pra qualquer lugar e a melhor coisa do mundo é você ser querida porque é o que acontece comigo então, eu não sei o que é solidão porque eu sou a criatura mais querida no mundo... (Maria Genusa Ribeiro, 2007)

Ressalto que a maioria das professoras solteironas, na atualidade tem de 67 a 84 anos e, são virgens. A cultura da época valoriza a virgindade e elas mesmo desejando conhecer o sexo, mas não encontraram um homem cavalheiro, preferiram permanecer sozinhas, mas guardaram a “pureza”; na atualidade é notório o número de jovens que decidem viverem sozinhas, ou seja, manter uma independência permanente, no entanto a maioria tem uma vida sexual ativa. Isso revela o quanto a sociedade gloriense é híbrida, já que as tradições convivem com a modernidade.

...Eu acho pra mim que a virgindade no meu ponto de vista é muito importante pra mim hoje, uma moça que casa virgem, eu acho lindo mesmo, apesar de hoje desprezarem a virgindade. É bonito casar virgem é como se fosse um baile de quinze anos. Eu queria que fosse como antes que as moças casavam virgens, mas eu acho que a culpa disso é televisão, porque quem destruiu tudo isso foi a televisão. Na minha época alguém que não fosse virgem era excluída da sociedade, havia um preconceito muito grande e hoje não, tudo é muito natural. Porque você ver uma menina com 13 ou 14 anos ela não são mais virgens, tem delas que sabem de coisas que eu não sei, eu estou com 60 anos e nunca assisti a um filme pornográfico nunca vir uma revista pornográfica, porque é isso que faz as cabeças das pessoas endoidarem... (Maria Genusa Ribeiro, 2007)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O passado e o presente se misturam na vida dessas profissionais da educação que dedicaram suas vidas ao ato de ensinar. Eles cumprimentam de cabeça erguida alunos, (cidadãos glorienses) que dinamizam a cidade com sua juventude, pois cansadas, mas esperançosos observam da sua porta a movimentação da pequena cidade que ajudaram a transformar na “Capital do Sertão”.

Elas recebem o título de “moças velhas” se diferenciam em personalidade e aceitação da condição de “solteironas”, antagônicas: umas são alegres, sorridentes e possuem um olhar doce, essas compartilharam da criação dos sobrinhos e residem na casa dos pais ou irmãos. Em contrapartida outras são amargas, enfermas e lastimam a falta de um companheiro, já que segundo elas a solidão é mal mortal. Apaixonadas pelos enamorados do passado, algumas suspiram ao lembrar a imagem do amado. Enquanto outras esperançosas aguardam sua outra metade.

Cada uma enfrenta as escolhas de forma diferenciadas, mas há um sentimento que as identificam: o de dever cumprido. Eles compartilham o passado e lembram detalhes da cidade, recordam dos fatos que marcaram a trajetória da cidade de Nossa Senhora da Glória e homenageiam cidadãos que morreram, mas deixaram um legado.

## REFERÊNCIAS

ACKERMAN, Diana. **Uma história natural do amor**. Trad. Terezinha Batista dos Santos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 103p.

AREND, Silvia Maria Fávero. **Amasiar ou casar** A família popular no final do século XIX. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

BASSANEZI, Carla. **Mulheres nos anos dourados**. História das mulheres no Brasil. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação rural**. São Paulo: Brasiliense. 1983

BÍBLIA de Genebra. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. 3. Ed. São Paulo: Sammus, 1986. (Novas buscas em comunicação)

COULANGES, Fustel de. **A cidade Antiga**: Estudos sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e de Roma. São Paulo: Edipro, 1998. p.41-45

CUNHA, Wilson. Biblioteca Educação é Cultura. Rio de Janeiro: Bloch: FENAME, 1980, p. 13.

ELIAS, Nobbert. **O processo Civilizador**: Uma história dos costumes. Trad. :Ruy Jungman. V.1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, 277p.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Vestidas de azul e branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49 ed. São Paulo: Globo, 2004.

LEBRUN, François. “As Reformas: Devoções Comunitárias e Piedade Pessoal” In: ARIÉS, Philippe e DUBY, Georges (Org.). **História da Vida Privada 3**: Da Renascença ao século das Luzes. Trad.: HildegardFeist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 71-112.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX 1914-1991. Trad.Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

ALOUSTIAN, Silvio Manoug. **Família brasileira**: a base de tudo. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 2005.

MENDONÇA, Jouberto Uchôa de e SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e (orgs). **Sergipe Panorâmico**. UNIT, Aracaju, 2002, p. 303-307

MORENO, Djaldino Mota. **Uma aventura cinematográfica**: Clube de Cinema de Sergipe, 1966-1991. Aracaju, Fundação Estadual de C

PINA, Maria Lúcia Madureira. **A mulher na história**. [ S.l.:s. n].

PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção tudo é história)

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

REZENDE, Cacia Valeria de. **A contribuição da Escola Cícero Bezerra na sociedade gloriense: (1960 a 1990)**. Monografia. Aracaju, 2004.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **Mulheres educadas na Colônia. 500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

### **Entrevistados**

AMARAL, Joana Dalva. Entrevista realizada em 12 de Maio de 2007.

BARBOSA, Maria. Entrevista realizada em 19 de janeiro de 2006.

LIMA, Leonice Santos. Entrevista realizada em 04 de Setembro de 2007.

MONTES, Noel Flávio. Entrevista realizada em 20 de Junho de 2004.

MENEZES, Maria Dagmar. Entrevistas realizadas em 28 de Abril de 2007.

SANTOS, Cicero Alves dos Santos. Entrevista realizada em 16 de Janeiro de 2006.

SANTOS, Estefânia Silva. Entrevista realizada em 19 de outubro de 2010.

SANTOS, Maria da Graça. Entrevista realizada em 16 de Janeiro de 2006.

SANTOS, Marilene Olmeida dos. Entrevista realizada em 16 de Janeiro de 2006..

SILVA, Maria Geovânia Ribeiro. Entrevista realizada em 26 de Julho de 2007.

RIBEIRO, Maria Genusa. Entrevista realizada em 26 de Julho de 2007.

---

[1] Graduada em História e Pedagogia pela Universidade Tiradentes, pós graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade de São Luís da França e Docência e Tutoria pela UNIT e atualmente é bolsista do mestrado em Educação da Universidade Tiradentes. Participa do grupo de pesquisa, Sociedade, Educação, História e Memória liderada pela professora Dr. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto. E-mail: caciavaleria@ig.com.br.

[2]FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. *Vestidas de azul e branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950)*. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação, 2003. 26p.

[3] Maria Dagmar Menezes, filha de José Freire de Menezes e Maria da Graça Menezes, nasceu em 09 de Maio de 1930, em Nossa Senhora da Glória, onde também se criou. Concluiu o primário nas escolas Isoladas existentes em Glória. Estudou com as professoras: Esmeralda Reis, Marieta Bezerra Lemos e Leonou. Recrutada pelo Estado para lecionar, cursou o Ginásio em etapas, pois nas férias viajava para outros municípios em busca de concluir sua formação. Lecionou nas Escolas Isoladas do Município, Escola Rural, Grupo Escolar Cícero Bezerra e Escola do 1º Grau Manoel Messias Feitosa. No final de 1963 foi elevada diretora, do Grupo Escolar Cícero Bezerra, a qual exerceu durante 4 anos e após passou a ser parte do corpo docente. Dagmar não se casou, no entanto criou três sobrinhos, Maria Jane Freire Carvalho, João Vítor Freire Carvalho e Sérgio Murilo Freire Carvalho, a qual tem muito orgulho, atualmente está com 76 anos mora na casa dos seus pais, na companhia de seus sobrinhos. MENEZES, Maria Dagmar. Professora aposentada, entrevistas realizadas em 28 de Abril de 2007

[4]Joana Dalva Amaral, filha de Joval Sousa Amaral e Maria Alves Amaral, nasceu em 22 de Junho de 1934, na cidade de Nossa Senhora da Glória. Estudou com as professoras: Maria da Glória Costa, Marieta Bezerra Lemos e D. Ilmar, nas escolas Isoladas de Glória. Começou a ensinar, após prestar concurso, embora não tivesse a qualificação necessária para atuar como professora. Lecionou na escola Municipal Getúlio Vargas, Escola Isolada do Estado e no Grupo Escolar Cícero Bezerra. Não se casou e atualmente vive na companhia de uma das suas irmãs. Entrevista realizada em 12 de Maio de 2007.

[5] Maria Genusa Ribeiro filha de Walmiro Ribeiro Aragão e Maria Gerovina Aragão, nasceu em 02 de Maio de 1947, natural de

# **PROFESSORA SINÔMINO DE MODELO: A TRAJETÓRIA DE TRÊS PROFESSORAS DO GRUPO ESCOLAR CÍCERO BEZERRA, NA CIDADE DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA: 1960 A 1980**

Cacia Valeria de Rezende[1]

## **18. Formação de Professores. Memória e Narrativas**

Resumo:

O artigo tem como objeto a trajetória das professoras do Grupo Escolar Cícero Bezerra, na cidade de Nossa Senhora da Glória entre os anos de 1960 a 1980. No intuito de compreender a vida dessas três professoras. Foi utilizada a pesquisa bibliográfica, documental e a metodologia da História Oral para analisar os critérios morais, usos e costumes para uma jovem ser aceita no meio da sociedade do sertão sergipano, na condição de professora, já que na época a docente deveria ser um referencial para os alunos. Foram elaborados roteiros de entrevistas com professoras e os ex-alunos para conhecer a cultura e as tradições vigentes, no objetivo de entender a mentalidade dos glorienses, naquela época. A pesquisa surgiu a partir do meu trabalho de mestrado que retrata a trajetória e as práticas educativas no alto sertão sergipano.

Palavras chave: Professoras; sertão; trajetória.

## **PROFESOR SINÔMINO MODELO: UN CAMINO DE TRES MAESTROS GRUPO ESCOLAR BEZERRA CICERO, EN LA CIUDAD DE NUESTRA SEÑORA DE LA GLORIA: 1960 -1980**

Cacia Valeria de Rezende

Resumen:

El artículo trata sobre la trayectoria de los profesores para la Escuela de Cicero Bezerra, en la ciudad de Nuestra Señora de la Gloria entre los años 1960-1980. Con el fin de entender la vida de estos tres maestros. Se utilizó la metodología de la historia la literatura, documentales y orales para analizar los criterios morales, que son comunes para un joven ser aceptado en la sociedad del Sergipe interior, siempre y maestro, ya que al momento el profesor debe ser un punto de referencia para estudiantes. Scripts se desarrollaron a partir de entrevistas con profesores y antiguos alumnos a conocer la cultura y las tradiciones vigentes con el fin de comprender la mentalidad de glorienses en ese momento. La investigación surgió de mi tesis de maestría que muestra la trayectoria y las prácticas educativas en el interior de Sergipe.

Palabras clave: Enseñanza; interior; trayectoria.

## **INTRODUÇÃO**

A história da educação feminina no Brasil é marcada por preconceito, proveniente da sociedade patriarcal. No período colonial, poucas jovens “brasileiras” sabiam ler. A leitura e escrita não era conveniente as mulheres, mas era uma cultura estimulada ao sexo masculino. Segundo Ribeiro (2003) a primeira mulher a aprender a ler e escrever no Brasil foi Catarina Paraguassu:

Apesar da negação da metrópole, algumas indígenas conseguiam burlar as regras. Catarina Paraguassu, também conhecida como Madalena Caramuru, parece ter sido a primeira mulher brasileira que sabia ler

e escrever. Alguns autores afirmam que essa brasileira era filho de Diogo Álvares Correia, o Caramuru, com a índia Moema ou Paraguassu. Outros afirmam que seria a própria esposa, também chamada de Catarina Paraguassu. (RIBEIRO, 2003. p.18).

Pelo fato de associar o conhecimento letrado a figura masculina, algumas mulheres fazendo uso do conhecimento da escrita foram alvo de discriminação pelas autoridades regentes. Ribeiro (2003) cita o caso de Margarida de Mendonça, ela foi abusada pelo noivo e escreveu a carta ao Rei de Portugal, solicitando uma providência, porém, ela nunca recebeu o retorno.

Foram nos conventos que as jovens passaram a receber o ensino sistematizado. No entanto, essas instituições eram poucas. Outras estudaram em escolas particulares.

Os conventos surgiram no Brasil apenas na segunda metade do século XVII e, normalmente, o ensino da leitura e da escrita era ministrado ao lado da música, do canto-chão, do órgão e dos trabalhos domésticos, principalmente o preparo de doces e de flores artificiais. Não havendo um sistema formal de educação para as mulheres, foi nos conventos que passaram a ser educadas. (RIBEIRO, 2003, 87p.)

Vale lembrar que alguns conventos no Brasil serviram apenas para enclausurar mulheres que cometeram alguma transgressão e jovens que passaram da idade de casar-se. Pelo fato de não terem escolhido o sacerdócio, tornavam-se esses espaços em ambientes duvidosos. Como afirma Ribeiro (2003), muitas dessas jovens usavam roupas de baixo acetinadas, camisolas inapropriadas para o ambiente de desapego com as obras da carne.

O primeiro convento fundado no Brasil foi em 1678, denominado Santa Clara do Desterro, na Bahia. Foi considerado o mais luxuoso e o mais mundano pelos excessos ali cometidos, pois algumas freiras “vestem por baixo de seus hábitos camisas bordadas (...) calção e meias de seda ligando-as comumente com fivelas de ouro cravadas de diamantes. (RIBEIRO, 2003, 87-88p.)

No Brasil Império algumas mulheres aprendiam ler para saber cantar as rezas e fazer as receitas. Mas a maioria era analfabetas, durante a paquera, os rapazes enviavam pelas alcoviteiras rosas, a cor delas exprimiam o tipo de sentimento do rapaz. A falta da leitura dificultava o diálogo, por isso a igreja foi palco de encontro dos enamorados. Já que, as jovens eram vigiadas pelos familiares e o único ambiente permitido pelos pais ou maridos era a igreja.

Segundo Anamaria G. Bueno de Freitas[2] em 15 de outubro de 1827, uma lei Imperial prescrevia a criação de escolas de primeiras letras para as mulheres:

A legislação (Lei de 15/10/1820) previa, ainda, conteúdos curriculares diferenciados para meninos e meninas e o processo de recrutamento das professoras. Neste último caso, a primeira exigência era provar que as postulantes ao exercício do magistério fossem reconhecidamente honestas para depois prestarem o exame de conhecimentos necessários ao preenchimento do cargo. (FREITAS, 2003. 26p.)

Durante a história brasileira, em que o sistema era, eminentemente, patriarcal, as mulheres foram caladas, pois o perfil da “moça distinta” era o silêncio. A fase da submissão absoluta à figura masculina, por certo, deixou marcas que o tempo não pôde apagar. Ainda hoje percebemos os resquícios do patriarcalismo imbuído na cultura brasileira.

Segundo Souza (1998), a feminização da educação no século XX é notória em todas os estados do Brasil. As mulheres assumiram a educação primária, já que o baixo salário pago ao professor fez o docente (homem) recusar atuar, e no nível básico de ensino.

A distribuição diferenciada das classes do curso preliminar a professores e professoras denota também os preconceitos e indefinições acerca da participação do trabalho feminino nos primeiros tempos da República. De acordo com o regulamento da instrução pública do Estado de 1892, a regência das escolas do sexo feminino e das escolas mistas cabia às professoras, enquanto a regência das escolas masculinas era permitida apenas aos professores. Posteriormente, foi facultado às professoras o ensino das primeiras séries da seção masculina e aos professores o ensino das últimas séries nessas seções. No entanto, a feminização do magistério acabou por vencer as barreiras morais. (SOUZA, 1998, p. 64)

No início do século XX, havia poucas profissões que o sexo feminino poderia exercer e entre essas era a docência, apesar das jovens continuarem sendo educada para o “lar”, principalmente nas cidades do interior. Em Nossa Senhora da Glória/SE, cidade do alto sertão sergipano, a maioria das professoras desse município não tinha formação adequada para o exercício da docência. Elas eram aproveitadas na ausência de professores formados. As educadoras sabiam ler, escrever e contar. Essas profissionais atuavam nas

escolas isoladas, escola rural e nos grupos escolares.

O Grupo Escolar Cícero Bezerra, na cidade de Nossa Senhora da Glória do estado de Sergipe, foi fundado em 1963 e reuniu as escolas isoladas que funcionavam na cidade. A partir desse momento, as professoras passaram a compartilhar suas experiências com mais frequência, já que estavam mais próximas. E elas começaram a observar que a maioria das profissionais do grupo escolar não havia casado. Então, elas mesmas brincavam entre si, com a situação de solteiras. E quando entrava uma professora nova, elas logo avisavam, “olhe entrou aqui, vai ficar na barriga”. “A maldição das professoras” do Grupo Escolar Cícero Bezerra era conhecida na comunidade. Apenas a professora Luzinete, depois de avançada idade, casou-se, no entanto o casamento só durou alguns meses.

Quando chegava uma professora nova, a gente dizia, minha filha você veio para aqui, foi, pois fique certa que você vai ficar na barriga, você não vai casar, não. No Cícero tinha tanta professora solteira, era uma turma tão grande e ficaram tudo sem casar mesmo, era Cleodice, Dagmar, e Luzinete que casou depois de velha, eu dizia por que vai casar agora, depois de velha (Joana Dalva Amaral, 2007)

Paixões antigas alimentam a vida da maioria dessas professoras, que guardam na memória (com muito carinho) a imagem do amado e dos bons momentos que estiveram juntos. Os anos se passaram e, elas lembram-se como se fosse hoje: o dia do primeiro encontro, abraço, as conversas, a troca de olhares, as festas, ou seja, o desenrolar dos fatos e a partida de seus enamorados.

Elas viveram para os familiares e abdicaram o casamento. As justificativas são as mais diversas, como: não tinha rapazes próximos à residência, não encontraram o homem dos sonhos, perdeu um grande amor e não conseguiram sentir por ninguém o mesmo sentimento ou era coisa do destino. O namoro dos sertanejos, nos anos 60, permitia apenas o olhar e no máximo o toque nas mãos. Sabe-se que essa regra era constantemente afrontada, no entanto alguns casais cumpriam arisca (as regras). As jovens mais recatadas obedeciam aos “mandamentos do namoro”, temendo contrariarem os pais ou dar lugar para os rapazes saírem falando delas

A trajetória das professoras Maria Dagmar Menezes, Maria Genusa Ribeiro e Joana Dalva Amaral é marcada por singularidades. Elas fazem parte da geração de professoras onde a moral era o requisito fundamental para torna-se educadora. Essas jovens deveriam ser exemplo de conduta cristã. Vigiados pelos familiares e comunidade. Qualquer vacilo poderia comprometer a profissão que tanto estimavam. A honra da “moça”, na comunidade gloriense, estava ligada a virgindade. A tradição patriarcal era muito forte nessa região. A figura masculina era o responsável para proteger o sexo feminino, marginalizado pelos costumes da época. A mulher estava sob o domínio total do homem.

Ela também carregava o peso do pecado original e por isso, sobretudo sua sexualidade, devia ser vigiada muito de perto. Repetia-se como algo ideal, nos tempos coloniais, que havia apenas três ocasiões em que casar e para ser enterrada. O exagero é evidente, mas um viajante, Froger, de passagem por Salvador em 1696, achava que ali as mulheres “são de dar pena, pois jamais vêem ninguém e saem apenas aos domingos, ao rair do dia, para ir à igreja. (PRIORE, 2009, p.49)

De acordo com Priore (2009), no Brasil Colônia e Império desde crianças, as meninas começavam a bordar o enxoval, pois o casamento era o objetivo central do universo feminino. Na cidade de Nossa Senhora da Glória, em meados do século, a sociedade masculina tentava impor o mesmo rigor quanto as garotas. Nesse município a educação feminina estava voltada a costura. Elas confeccionavam xales e bordados diversos. Produto artesanal feito pelas mulheres e jovens glorienses. O corte e costura era uma vocação honrada e por isso incentivada pelas mães. O ofício para o sexo feminino estava intimamente ligado a cuidar do marido, filhos e do lar. As primeiras glorienses que ousaram lançar-se no mercado de trabalho sofreram preconceito, já que a cultura vigente mostrava o homem como provedor do lar. A maioria das jovens se prendiam apenas as atividades domésticas, deixando pendente o sonho da independência financeira.

Na sociedade gloriense havia poucas pessoas que sabiam ler e escrever na época, o nível de instrução era mínima, assim os resquícios da sociedade patriarcal era mantido por gerações através da oralidade. A falta de professoras formadas na cidade deu a oportunidade as jovens semi-analfabetas, a atuar nas escolas isoladas. Assim, a docência foi uma das primeiras profissões remuneradas, permitidas pela comunidade gloriense ao sexo feminino. Ser professora se tornou o sonho das estudantes. As “moças” deliravam com a possibilidade de ter seu próprio dinheiro. Embora, a educação formal no sertão sergipano, em meados do século XX, estivesse sendo ministrada pelas mulheres, era um número pequeno de profissionais em detrimento a maioria delas que permaneciam atrelada ao trabalho doméstico.

Segundo Maria Dagmar Menezes, Joana Dalva Amaral e Maria Genusa Ribeiro, ser professora, era símbolo de honra para as “moças” no sertão. Elas iniciaram a carreira docente ainda muito jovens. Solteiras e com muitos sonhos aspiravam um futuro promissor. Apaixonadas pelo ofício de ser professora vestiam-se como beleza e rigor, mostrando-se referencial para seus alunos. Corrigiam-se no

falar, escrever e cobravam-se muito quando se refere ao comportamento. Carregar o título de educadora numa geração preconceituosa não era tarefa fácil de administrar, mas abraçar o professorado era o ideal das vidas dessas mulheres.

## AMORES DE PROFESSORA

As histórias de amor são vivas na memória das professoras que contam com tristeza e pesar os desencontros da vida sentimental. Dagmar[3] lamenta não ter lutado pelo único homem que conquistou seu coração, pois aceitou a oposição dos pais para com o pretende que ela tinha afeição. As cartas que o rapaz lhe escrevia eram rasgadas pela mãe, que furiosa não aceitava o namoro, já que o pai (de Dagmar) possuía uma frágil saúde e a qualquer momento poderia falecer. Dagmar, na década de 40, foi convidada pelo prefeito para ser professora municipal, ela era motivo de orgulho para a família e o salário de professora, apesar de baixo, mas era uma renda para ajudar nas despesas do lar.

O grande amor de Dagmar relutou quanto à oposição dos pais da jovem e durante um período enviava cartas para dar notícias, ele aguardava uma reviravolta, ou seja, que os pais mudassem de opinião, mas eles permaneceram firmes na palavra, e a “moça” não tinha forças para lutar contra a vontade dos pais. Mesmo apaixonado pela jovem, o rapaz desistiu de construir uma família com ela, pois percebeu que seus esforços eram em vão.

Ela dedicou sua juventude ao magistério, constantemente ia à cidade de Aracaju para fazer cursos de aperfeiçoamento, numa dessas viagens (a capital do Estado) reencontrou o homem que conquistou seu coração, mas para sua tristeza, ao lado estava a esposa. Ela desceu do coletivo em prantos de choro e pediu a Deus que não permitisse que ela amasse um homem, tanto quanto amou a esse rapaz, e ali ela jurou a Deus que nunca mais iria voltar a se apaixonar.

Naquele momento Dagmar fez um voto de castidade em lealdade a seus sentimentos, pois até hoje, julga não ter esquecido aquele homem. Ela ainda guarda o namoro no pensamento e vive um amor solitário. As lembranças reconstróem o contexto do primeiro encontro e olhar, assim, ela dá diferentes fins para sua história amorosa. A paixão arde em sua alma, mesmo que o fogo (da paixão), já não tenha tanta intensidade.

A fronteira da cultura de obediência aos pais privou Dagmar de experimentar a formação de uma família. Ela tornou-se uma educadora reconhecida. A dedicação exclusiva à educação e o amor à missão de educar contribuiu para amenizar o gritante número de analfabetos de Nossa Senhora da Glória. Ela sempre é citada pelos ex-alunos como uma professora comprometida com a arte de ensinar. Atualmente está com 84 anos, reside no centro da cidade, mora sozinha, gosta de ficar sentada em frente de sua casa, para observar o cotidiano da sociedade que ajudou a educar. A poesia é um meio de declamar o amor do passado, que vive em seus pensamentos.

Noite de Solidão

È noite.

Está chovendo, e eu perdida nos meus pensamentos.

De repente, sinto falta de alguém. Começo a chorar.

Mas do que adianta, se minhas lágrimas não falam.

Não reclamam, nem te trazem de volta.

Continuo perdida entre pensamentos e lágrimas.

A noite passando.

Eu cada vez mais te amando.

Sem poder te encontrar.

Mas quem sabe um dia tudo vai mudar

E a chuva vai passar.

O sol irá brilhar. (Maria Dagmar Menezes, 2006)

Dalva[4] foi noiva e amava o rapaz, mas ele queria casar e morar em São Paulo. Naquela época os glorienses tinham a visão de São Paulo como o fim do mundo; a mãe de Dalva apavorada com a decisão do rapaz, pediu para a filha romper o noivado, pois afirmava que não suportaria a tristeza de ter uma filha morando em um lugar tão distante. Dalva dividida entre seu grande amor e a mãe, decidiu abdicar o casamento e viveu durante toda a sua vida na companhia dos pais e após irmãos.

Não, eu não quis mais ninguém depois que ele foi embora. Eu era muito apaixonada por ele. Ele era bonito, ele morava no interior, mas os pais tinham casa aqui, ele estudava aqui. Eu não me casei com ele, por causa de mamãe, ela não queria. Eu nunca me arrependi, toda vida foi uma pessoa assim, trabalhava, gostava do meu trabalho, nunca fui de está de festa e festa. Dagmar diz que tem tanto arrependimento porque não casou. Eu não, não sei o que é casamento, não casei, não posso ter arrependimento. Não deu pronto. Eu vir os anos passar e passei com meus pais e amigas e está acabado, minhas amigas casaram tudo e eu fiquei sem casar. (Joana Dalva Amaral, 2007)

A intervenção dos pais na vida sentimental dos filhos em alguns casos foram decisivos, a exemplo Dagmar e Dalva que renunciaram a chance de realizar o sonho do matrimônio por obediência aos pais que naquela época, tinham forte influência sobre a vida dos filhos. O temor de transtorná-los conduzia as “moças” a cumprir com a palavra dos pais. As jovens se conformavam com a história que os pais escolhiam para elas. Isso ainda eram resquícios de uma tradição. Algumas (delas hoje,) lamentam pela falta de audácia, outras temerosas, fazem uso do ditado popular que diz: “mais vale ficar só, do que mal acompanhada”.

Maria Genusa,[5] conhecida na cidade por Tia Lulu, é animada, alegre e conquistou o coração dos glorienses. Ela ensinou muitas gerações, na Escola Estadual Cícero Bezerra. Ele namorou três rapazes, mas seguindo ela, não encontrou sua outra metade, assim até hoje ela aguarda o “príncipe encantado”. Ela afirma que o amor não tem idade, data ou hora marcada.

Eu tive três namorados, o primeiro foi o da escola, só não posso dizer o nome é oculto. É uma pessoa que conheci ainda na infância o nome dele era Clodoaldo, ele foi o meu 1º namorado de escola, e eu como era criança namorei escondido, mas depois foi às claras e continuamos a namorar, só que ele foi ser seminarista, ele escolheu ser padre, e eu fiquei, mas nem por isso eu deixei de me realizar como pessoa e ter outros namorados. Ele como foi meu primeiro namorado, ou seja, amor; meu primeiro beijo, então tudo isso fica na lembrança. (Maria Genusa Ribeiro, 2007)

Tia Lulu não descartou a possibilidade de casar-se, mas enquanto aguarda o varão, aproveita o tempo para passear, conversar e divertir-se. O pai, Walmiro Ribeiro Aragão afirmava que ela não tinha vocação para dona de casa, pois ela não suportava a ideia de um dia cozinhar, e segundo ela, sua casa não teria cozinha, além disso, nunca teve horário para voltar para casa, sempre privou por sua liberdade. Ela atualmente é professora aposentada e esbanja alegria, com um intenso brilho no olhar tem a capacidade de contagiar os que a cercam. E curte brincando o título de “moça velha”.

...ainda hoje eu falo em me casar, mas jamais eu trocaria a minha vida por um casamento, porque quando você se casa, o que é quer acontece com você Tem que renunciar, você tem de aceitar qualidades e defeitos do seu parceiro e eu não tô preparada para essas coisas, não; eu tô preparada pra brincar, sair, passear sem dar satisfações a ninguém, não tenho mais paciência nenhuma; outra, filhos eu não quero; não mim casei porque eu falei quando mim casar não queria uma casa que tivesse cozinha, porque não gosto de cozinhar e não sei cozinhar e nem queria ter filhos, porque filhos você se dedica tanto a eles; e eles não dão nada em troca ao seus pais, não é que a gente tem quer exigir, não, mas as vezes eles nem sabem que você é mãe; eu tive tantos filhos por ser professora, eu já sabia o que era ser mãe, porque você se dedica ao alunos e amanhã eles passam por você e nem conhece, alguns são gratos outros nem conhece, então assim também são os filhos... (Maria Genusa Ribeiro, 2007)

O homem dos seus sonhos de menina não fora encontrado, ela desejava compartilhar a sua vida com alguém que gostasse de festas e de passear na praça, sentar-se nos bancos para apreciar a beleza do jardim e que a presentear com flores, ou seja, um homem cortês, que segundo ela existe em algum lugar.

...mais ainda eu acho que a melhor coisa do mundo é casar e toda mulher quer casar ter sonho de casamento de realizar o seu dia lindo, mas já no meu dia ia ser diferente, por que eu queria mim casar no dia de São João para mim casar no coreto diante de todo mundo vestida de taboaria e ele também,

com o sanfoneiro tocando eu posso um dia realizar o meu sonho de mim casar assim, um dia posso chega lá, agora a vida de quem sabe ser uma coroa vivendo a vida não tem coisa melhor no mundo... (Maria Genusa Ribeiro, 2007)

Segundo Tia Lulu, o sonho de casar-se como se fosse uma “tabaroa” pode ter sido um dos impedimentos para encontrar um partido que quisesse submetesse a tal episódio. Mas ela garante que se ainda casasse, realizará a cerimônia em praça pública trajando um vestido usado pelas noivas dos anos 50, na cidade Nossa Senhora da Glória, e usará a carroça para transportá-la até a Praça do Coreto. Essa linda “coroa” (ela gosta de ser chamada desse termo) fala acerca da diferença do cheiro e do beijo, ela declara que beijou, mas preferiu resguardar no coração o cheiro do amado. Segundo ela, o cheiro perpassa o tempo, ou seja, é inesquecível, logo que você sente o perfume ela marca o olfato e o coração.

...a vida não tem coisa melhor no mundo por que ser coroa é ser alegre decidida, tudo isso faz parte da vida da gente porque às vezes fulano diz eu não queria ficar sozinho, não, mais a gente só vive sozinha e triste se a gente quiser, mas quando a gente é alegre que tem tanta coisa pela frente como eu tenho, olha eu sou aposentada, mas eu queria que meus dia tivesse 60 horas, ainda eu acho pouco pra mim porque eu trabalho na pastoral da criança, eu trabalho com idoso, eu visito pessoas que necessitam de visitas, eu gosto de conversar, eu saio de manhã e não tenho hora de votar; eu não tenho responsabilidade de uma dona de casa, ora não tenho marido, nem filhos, então eu vivo minha vida assim alegre satisfeita, vou pra qualquer lugar e a melhor coisa do mundo é você ser querida porque é o que acontece comigo então, eu não sei o que é solidão porque eu sou a criatura mais querida no mundo... (Maria Genusa Ribeiro, 2007)

Ressalto que a maioria das professoras solteironas, na atualidade tem de 67 a 84 anos e, são virgens. A cultura da época valoriza a virgindade e elas mesmo desejando conhecer o sexo, mas não encontraram um homem cavalheiro, preferiram permanecer sozinhas, mas guardaram a “pureza”; na atualidade é notório o número de jovens que decidem viverem sozinhas, ou seja, manter uma independência permanente, no entanto a maioria tem uma vida sexual ativa. Isso revela o quanto a sociedade gloriense é híbrida, já que as tradições convivem com a modernidade.

...Eu acho pra mim que a virgindade no meu ponto de vista é muito importante pra mim hoje, uma moça que casa virgem, eu acho lindo mesmo, apesar de hoje desprezarem a virgindade. É bonito casar virgem é como se fosse um baile de quinze anos. Eu queria que fosse como antes que as moças casavam virgens, mas eu acho que a culpa disso é televisão, porque quem destruiu tudo isso foi a televisão. Na minha época alguém que não fosse virgem era excluída da sociedade, havia um preconceito muito grande e hoje não, tudo é muito natural. Porque você ver uma menina com 13 ou 14 anos ela não são mais virgens, tem delas que sabem de coisas que eu não sei, eu estou com 60 anos e nunca assisti a um filme pornográfico nunca vir uma revista pornográfica, porque é isso que faz as cabeças das pessoas endoidarem... (Maria Genusa Ribeiro, 2007)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O passado e o presente se misturam na vida dessas profissionais da educação que dedicaram suas vidas ao ato de ensinar. Eles cumprimentam de cabeça erguida alunos, (cidadãos glorienses) que dinamizam a cidade com sua juventude, pois cansadas, mas esperançosos observam da sua porta a movimentação da pequena cidade que ajudaram a transformar na “Capital do Sertão”.

Elas recebem o título de “moças velhas” se diferenciam em personalidade e aceitação da condição de “solteironas”, antagônicas: umas são alegres, sorridentes e possuem um olhar doce, essas compartilharam da criação dos sobrinhos e residem na casa dos pais ou irmãos. Em contrapartida outras são amargas, enfermas e lastimam a falta de um companheiro, já que segundo elas a solidão é mal mortal. Apaixonadas pelos enamorados do passado, algumas suspiram ao lembrar a imagem do amado. Enquanto outras esperançosas aguardam sua outra metade.

Cada uma enfrenta as escolhas de forma diferenciadas, mas há um sentimento que as identificam: o de dever cumprido. Eles compartilham o passado e lembram detalhes da cidade, recordam dos fatos que marcaram a trajetória da cidade de Nossa Senhora da

Glória e homenageiam cidadãos que morreram, mas deixaram um legado.

## REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, Diana. **Uma história natural do amor**. Trad. Terezinha Batista dos Santos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 103p.
- AREND, Silvia Maria Fávero. **Amasiar ou casar** A família popular no final do século XIX. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.
- BASSANEZI, Carla. **Mulheres nos anos dourados**. História das mulheres no Brasil. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação rural**. São Paulo: Brasiliense. 1983
- BÍBLIA de Genebra. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. 3. Ed. São Paulo: Sammus, 1986. (Novas buscas em comunicação)
- COULANGES, Fustel de. **A cidade Antiga**: Estudos sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e de Roma. São Paulo: Edipro, 1998. p.41-45
- CUNHA, Wilson. Biblioteca Educação é Cultura. Rio de Janeiro: Bloch: FENAME, 1980, p. 13.
- ELIAS, Nobbert. **O processo Civilizador**: Uma história dos costumes. Trad. :Ruy Jungman. V.1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, 277p.
- FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Vestidas de azul e branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação, 2003.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49 ed. São Paulo: Globo, 2004.
- LEBRUN, François. “As Reformas: Devoções Comunitárias e Piedade Pessoal” In: ARIÉS, Philippe e DUBY, Georges (Org.). **História da Vida Privada 3**: Da Renascença ao século das Luzes. Trad.: HildegardFeist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 71-112.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX 1914-1991. Trad.Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- ALOUSTIAN, Sílvio Manoug. **Família brasileira**: a base de tudo. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 2005.
- MENDONÇA, Jouberto Uchôa de e SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e (orgs). **Sergipe Panorâmico**. UNIT, Aracaju, 2002, p. 303-307
- MORENO, Djaldino Mota. **Uma aventura cinematográfica**: Clube de Cinema de Sergipe, 1966-1991. Aracaju, Fundação Estadual de C
- PINA, Maria Lúcia Madureira. **A mulher na história**. [ S.l.:s. n].
- PRIORE. Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção tudo é história)
- SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo**: (1890-1910). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- REZENDE, Cacia Valeria de. **A contribuição da Escola Cícero Bezerra na sociedade gloriense**: (1960 a 1990). Monografia. Aracaju, 2004.
- RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres educadas na Colônia. **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

## Entrevistados

AMARAL, Joana Dalva. Entrevista realizada em 12 de Maio de 2007.

BARBOSA, Maria. Entrevista realizada em 19 de janeiro de 2006.

LIMA, Leonice Santos. Entrevista realizada em 04 de Setembro de 2007.

MONTES, Noel Flávio. Entrevista realizada em 20 de Junho de 2004.

MENEZES, Maria Dagmar. Entrevistas realizadas em 28 de Abril de 2007.

SANTOS, Cícero Alves dos Santos. Entrevista realizada em 16 de Janeiro de 2006.

SANTOS, Estefânia Silva. Entrevista realizada em 19 de outubro de 2010.

SANTOS, Maria da Graça. Entrevista realizada em 16 de Janeiro de 2006.

SANTOS, Marilene Olmeida dos. Entrevista realizada em 16 de Janeiro de 2006..

SILVA, Maria Geovânia Ribeiro. Entrevista realizada em 26 de Julho de 2007.

RIBEIRO, Maria Genusa. Entrevista realizada em 26 de Julho de 2007.

---

[1] Graduada em História e Pedagogia pela Universidade Tiradentes, pós graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade de São Luís da França e Docência e Tutoria pela UNIT e atualmente é bolsista do mestrado em Educação da Universidade Tiradentes. Participa do grupo de pesquisa, Sociedade, Educação, História e Memória liderada pela professora Dr. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto. E-mail: caciavaleria@ig.com.br.

[2]FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Vestidas de azul e branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação, 2003. 26p.

[3] Maria Dagmar Menezes, filha de José Freire de Menezes e Maria da Graça Menezes, nasceu em 09 de Maio de 1930, em Nossa Senhora da Glória, onde também se criou. Concluiu o primário nas escolas Isoladas existentes em Glória. Estudou com as professoras: Esmeralda Reis, Marieta Bezerra Lemos e Leonou. Recrutada pelo Estado para lecionar, cursou o Ginásio em etapas, pois nas férias viajava para outros municípios em busca de concluir sua formação. Lecionou nas Escolas Isoladas do Município, Escola Rural, Grupo Escolar Cícero Bezerra e Escola do 1º Grau Manoel Messias Feitosa. No final de 1963 foi elevada diretora, do Grupo Escolar Cícero Bezerra, a qual exerceu durante 4 anos e após passou a ser parte do corpo docente. Dagmar não se casou, no entanto criou três sobrinhos, Maria Jane Freire Carvalho, João Vitor Freire Carvalho e Sérgio Murilo Freire Carvalho, a qual tem muito orgulho, atualmente está com 76 anos mora na casa dos seus pais, na companhia de seus sobrinhos. MENEZES, Maria Dagmar. Professora aposentada, entrevistas realizadas em 28 de Abril de 2007

[4]Joana Dalva Amaral, filha de Joval Sousa Amaral e Maria Alves Amaral, nasceu em 22 de Junho de 1934, na cidade de Nossa Senhora da Glória. Estudou com as professoras: Maria da Glória Costa, Marieta Bezerra Lemos e D. Ilmar, nas escolas Isoladas de Glória. Começou a ensinar, após prestar concurso, embora não tivesse a qualificação necessária para atuar como professora. Lecionou na escola Municipal Getúlio Vargas, Escola Isolada do Estado e no Grupo Escolar Cícero Bezerra. Não se casou e atualmente vive na companhia de uma das suas irmãs. Entrevista realizada em 12 de Maio de 2007.

[5] Maria Genusa Ribeiro filha de Walmiro Ribeiro Aragão e Maria Gerovina Aragão, nasceu em 02 de Maio de 1947, natural de Nossa Senhora da Glória. Entrevista realizada em 26/07/07 às 14:00 horas em sua residência e transcrita em 06/09/07